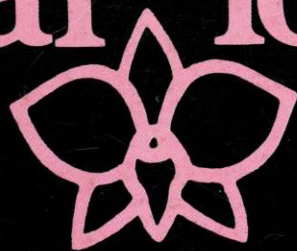


Orquidário

Volume 5, nº 3, 1991
julho, agosto e setembro



Revista
da Orquidário

DIRETORIA

Presidente: Raimundo A. E. Mesquita — Tel.: (021) 224-2886

Vice-Presidente: Waldemar Scheliga — Tel.: (021) 267-8384

Diretor da Área Técnica: Álvaro Pessôa — Tel.: (021) 262-7738

Diretor da Área de Relações Comunitárias: Maria da Penha Fagnani — Tel.: (021) 246-9868

Diretor da Área Administrativo-Financeira: Yvan Lassance — Tel.: (021) 246-9872

DEPARTAMENTOS

Exposições e julgamento: Ivana Zubic — Tel.: (021) 225-0431

Difusão Cultural: Carlos A. Gouveia — Tel.: (021) 598-6644

Pesquisa, Cultivo e Cursos: Roberto Petersen — Tel.: (021) 590-9890

Biblioteca: Mário de Abreu Almeida — Tel.: (021) 293-6128

Sócios: Helena Eyer — Tel.: (021) 295-9100

Eventos e Relações com Organizações Congêneres: Carlos Ivan da Silva Siqueira

Secretariado: Helena Eyer

Tesouraria e Finanças: Raul Couto

Patrimônio: Mário de Abreu Almeida

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente: Alexis Sauer — Tel.: (021) 225-4164

Membros: Felisdoro Bastos Nunes, Luis Clemente Ferreira de Souza e Roberto Agnes

Presidentes Anteriores: Edward G. Kilpatric, 1986/87 e Álvaro Pessôa, 1987/90

REVISTA ORQUIDÁRIO

Editoria: Álvaro Pessôa e Roberto Agnes (021) 541-8361

Comissão Editorial: Waldemar Scheliga, Carlos A. Gouveia e Raimundo Mesquita.

A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de março, junho, setembro e dezembro e é distribuída gratuitamente aos Associados.

Roga-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao Editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativos e nome do fotógrafo, devendo ser identificadas a autoria de desenhos e esquemas, apresentados, sempre, em papel branco e tinta preta. Para fotos a cores os autores deverão remeter, em slide, diapositivo ou o próprio fotolito a ser publicado, com identificação do motivo da foto e nome do fotógrafo. Para remessa de fotolitos contatar, antes, com o Editor para ajuste de dimensões.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês de publicação, deverão ser entregues à Redação com 2 meses de antecedência.

O título da Revista é de propriedade de Orquidário, nome que, também, está registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicada, quando não sujeita à reserva de direito autoral, indicada como DR, pode ser reproduzida desde que se indique a origem.

Preços:

1 — contribuição dos sócios:

— fundadores e contribuintes, anuidade de Cr\$ 10.900,00 ou 4 x 3.200,00

— correspondentes: Cr\$ 10.200,00 ou 4 x 2.920,00

— vitalícios por faixa etária:

I — 30 a 39 anos: Cr\$ 91.000,00 V — 61 a 64 anos: Cr\$ 42.000,00

II — 40 a 49 anos: Cr\$ 70.000,00 VI — 65 a 70 anos: Cr\$ 35.000,00

III — 50 a 55 anos: Cr\$ 56.000,00 VII — 71 a 75 anos: Cr\$ 28.000,00

IV — 56 a 60 anos: Cr\$ 49.000,00 VIII — acima de 75: Cr\$ 21.000,00

2 — números atrasados, sujeitos a disponibilidade de estoque: Cr\$ 1.120,00. Avulsos 2.700,00

3 — Publicidade devendo o interessado fornecer o texto e lay-out

3ª capa: Cr\$ 49.560,00

Página inteira: Cr\$ 42.952,00

Meia página: Cr\$ 23.954,00

Quarto de página: Cr\$ 12.556,00

Oitavo de página: Cr\$ 7.930,00

4 — Assinaturas para o Exterior: 1 ano: US\$ 25,00 — porte simples

US\$ 33,00 — aérea

2 anos: US\$ 48,00 — porte simples

US\$ 56,00 — aérea

3 anos: US\$ 68,00 — porte simples

US\$ 74,00 — aérea

Os preços acima poderão ser alterados pela Diretoria sem aviso prévio. A Revista não assume responsabilidade por colaborações assinadas e publicidade.

A correspondência à Revista deverá ser enviada ao Editor, Av. Pres. Vargas nº 583 — grupo 2.014, Centro Rio, RJ, CEP 20.071.

Índice dos Artigos

Conversa com o Editor	4
In memoriam Rolf Altenburg	5
As orquídeas nos selos	6
Uma nova espécie de <i>Oncidium</i> no Espírito Santo	8
<i>Cattleya loddigesii</i>	11
O gênero <i>Cymbidium</i>	13
Merismas sobre Meristema	19
<i>Oncidium</i> . Nova espécie da Bahia	21
Orquídeas Botânicas	25
Perfis	28
Perguntas e Respostas	33

Índice e Crédito de Fotos e Desenhos

Selos. Autoria não indicada	6
<i>Oncidium Shunkeanum</i> . Foto e desenho de Marcos Campacci	8/9
<i>Cattleya loddigesii</i> , San Sebastian, Sevilha e Harusi Iwasita, de Álvaro Pessoa	11/12
<i>Cymbidium ensifolium</i> . Milton Carpenter	13
<i>Cym. Miretta</i> ; <i>Cym. Tapestry</i> x <i>Rincon</i> ; <i>Cym. Winter Fair</i> . Roberto Agnes	14/16/17
<i>Cym. parishii</i> . Milton Carpenter	18
<i>Oncidium silvanum</i> . Foto e desenho de Marcos Campacci	22/23
<i>Stenia</i> . Desenhos de Augusto F. Neves	25/27
Abelhas polinizando. Heloisa Mesquita	28
Lc. Orquidário. Álvaro Pessoa	29
Lc. sem nome. Roberto Agnes	30
Lc. Julinha. Carlos Ivan da Silva Siqueira	32

ORQUIDÁRIO

Revista
LIVRO 107-00 n.º R. 19.....

Obra n.º

29/04/92

Nossas capas

Bibliotecário

A Capa deste número mostra um dos bons resultados dos cruzamentos de que fala Álvaro Pessoa no artigo sobre *Cattleya loddigesii*. O clone mostrado é a *C. loddigesii* "Ademar Manarini" (*C. loddigesii* punctata "Marisa" x *C. loddigesii* punctatissima) que permitiu a obtenção de cor magenta intensa, com pintas escuras decorrentes da dupla carga genética recebida das punctatas. A flor apresenta dimensão de 11 cm, e as pétalas têm 4 cm de largura, tudo em curvas perfeitas e distribuição harmônica dos segmentos. Boas substância e textura. A última Capa exibe bela inflorescência do *Cymbidium* Cora Paddison 'WAKANAE SUNRISE', premiado Nova Zelândia, com BM/13th WOC, em foto de Roberto Agnes.

Nosso próximo número

O último número deste ano, coincidirá com o Natal e por isso teremos notícia de uma viagem sentimental à Chapada Diamantina, assim como a continuação de artigos começados neste número e, ainda, um novo Perfil. Prosseguindo suas pesquisas sobre o gênero *Oncidium*, Carlos Eduardo de Britto Pereira está viajando à Europa, de onde nos trará novidades...

Conversa com o Editor

"O CONTATO COM UMA PESSOA SUPERIOR É COMO ENTRAR NUM SALÃO CHEIO DE ORQUÍDEAS FRAGRANTES".

Ao escrever texto sobre o gênero *Cymbidium* fiquei fascinado com o brocardo, acima, atribuído a Confúcio. Registre-se que, há tanto tempo atrás, a orquídea já fascinava as pessoas, como pode entrever-se da comparação feita pelo filósofo chinês.

Durante muito tempo o cultivo dessas plantas era associado à casta superior, pois, poucos, os ricos, eram os afortunados que podiam desfrutar das belas flores.

Felizmente tudo mudou e, hoje, admiramos como superiores as pessoas dotadas de outras virtudes. Aqueles que contribuíram de alguma maneira para engrandecer o que fazem e amam. No Brasil foram vários, desde os ilustres Waldemar Silva, Rolf Altenburg até Jorge Verboonen, Mercedes da Silva Ramos, Adhemar Manarini, para citar apenas alguns nomes, que, com esforço e muita dedicação, popularizaram as nossas orquídeas, seja pela propagação de orquídeas em grande escala, seja através de livros e revistas.

Essas são e foram pessoas que conseguiram trazer para número cada vez maior de entusiastas, plantas e informações que antes eram do domínio de uns poucos privilegiados. Pensando assim, criamos uma nova seção, PERFIS, para homenagear esses pioneiros. O primeiro perfil trata de um dos nossos sócios mais queridos, Alexis Sauer, cujos cruzamentos de *Cattleya* e *Laelia* figuram entre os mais bonitos já feitos no Brasil, fruto de anos de pesquisa. Esperamos assim difundir o esforço dessas pessoas para que recebam os devidos méritos.

Ocorreu-me, também, enquanto escrevia aquele artigo, como é difícil a arte de expor orquídeas e que aquele comentário, escrito tantos séculos atrás, não poderia ser mais apropriado para a próxima Primavera, que representa, para nós, período de atividades intensas, relacionadas a exposições pelo Brasil afora. A mais importante, sem dúvida, a Segunda EXPOINTER, em São Paulo, servirá de ensaio para a exposição mundial de 1996. Fato inédito é o uso de computadores no processo de julgamento, fazendo com que o Brasil avance no mundo orquidófilo, já que este sistema só é usado por algumas associações, nos EUA, e fez sua grande estréia na exposição mundial de Nova Zelândia. As expectativas são grandes e estou certo de que teremos flores de alto padrão em quantidades antes ainda não vistas.

O OrquídaRio também inova. Sua exposição anual passa a ser apresentada no Museu de Arte Moderna, com espaço bem mais amplo e naturalmente com responsabilidade bem maior. O sucesso dependerá não apenas do esforço de algumas pessoas, mas da associação como um todo. Essa exposição também serve de ensaio, pois o sucesso dela certamente nos assegurará ainda mais ampla participação na ECO 92.

Contribuições para o Fundo de Apoio à OrquídaRio

Doador	Finalidade
Fábio Vieira Bruno	Cores na Revista
Delso Durante	Cores na Revista
Oto G. Georg	Cores na Revista
Ed. Quinta Cor	Papel para a Revista
Equilab/Equipesca	In Memoriam Adhemar Manarini, para as Exposições.

In Memoriam

Rolf Altenburg

1908 — 1991

Conheci Rolf Altenburg aos 70 anos, ainda enérgico o suficiente para sentir prazer no convívio com os familiares e amigos, criar seus híbridos e cobrar padrões perfeccionistas dos que com ele trabalhavam.

Era muito dele mesmo que estava sempre nos dando, quando via desabrochar em perfeição as inúmeras flores que criou em sua vida. Sua contribuição à orquidofilia foi inestimável, projetando o nome do Brasil no exterior.

Defrontou-se, entretanto, com inúmeras dificuldades quando tentou oxigenar os conceitos de beleza dos plantéis mantidos pelos colecionadores brasileiros. Importou *Vandas*, *Ascocendas*, *Wilsonaras*, *Milioniopsis*, *Odontoglossum* e tudo que havia de mais bonito e atualizado. Não as conseguia vender na velocidade desejada. O País das *Cattleyas* resistia aos seus desejos de modernização.

Porisso não viu florir uma orquidofilia internacionalizada, global e sem o hábito da inveja, entre seus compatriotas brasileiros.

Mas viu florir, exuberantemente, sua prole e teve nos derradeiros anos, o prazer supremo de ver, com sua mulher, suas netas continuarem a obra que iniciara. Seus olhos se umedeciam de emoção, a cada nova vitória conseguida por Sandra Odebrecht na área de produção e exportação.

De Rolf Altenburg, um homem que venceu pode-se lembrar o que dizia o poeta Ralph Waldo Emerson: “o homem que venceu na vida é aquele que viveu bem, riu muitas vezes e amou muito. Que preencheu um lugar e cumpriu uma missão. Que deixa o mundo melhor do que o encontrou, seja com uma flor, um poema perfeito, ou o salvamento de uma alma. Que procurou o melhor nos outros e deu o melhor de si.”

Alvaro Pessoa

As Orquídeas nos Selos

*José Evair Soares de Sá **



De um modo geral o ser humano tem mania de colecionar alguma coisa. Praticamente tudo é colecionável: selos, cartões postais, chaveiros, lápis, guardanapos, etc. etc. Tudo vai depender do que se gosta e, claro, do espaço que se tem para guardar a coleção.

Há, também, aqueles que colecionam Orquídeas e seu número é grande. Contudo, para se colecionar as plantas é necessário ter bastante espaço. Quem não tem espaço para cultivar as plantas, mas não quer ficar longe das Orquídeas pode colecioná-las de outra maneira: através de selos postais.

É grande o número de Filatelistas que colecionam selos de Orquídeas. Tão grande que até existe um "Clube Internacional de Colecionadores de Selos de Orquídeas" com sede na Austrália. Só no

**CARIMBO COMEMORATIVO
1979**



**Ano Internacional
da Criança 1979**



Brasil, há mais de 20 Filatelistas dedicados a tal tema (Orquídeas).

Mais de 130 países já emitiram selos ilustrados com alguma espécie de Orquídea, englobando cerca de 200 gêneros e

* C.P. 64.031
Rio, RJ — 22.012



Brasil 76
100

1.º dia de circulação
SÉRIE PRESERVAÇÃO DA NATUREZA
Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

30 híbridos diferentes, num total de mais de 3000 selos.

O gênero que mais aparece nos selos é, sem dúvida, a *Cattleya*, com mais de 150 selos, mas também são bem representados os principais gêneros: *Dendrobium*, *Cypripedium/Paphiopedilum*, *Cymbidium*, *Epidendrum*, *Laelia*, *Oncidium*, *Odontoglossum*, *Phalaenopsis*, *Vanda* e *Vanilla*, entre outros.

Muitos gêneros, cerca de 80, foram motivo de um único selo até hoje e, dentre eles, queremos destacar neste artigo a *Acacallis cyanea*, que ocorre nas matas da região amazônica.

Como todos sabem, as chamadas Orquídeas azuis são bastante raras e a espécie mostrada neste selo emitido pelo Brasil em 1976 (Foto 1) é das mais conhe-

cidas. A *A. cyanea*, na época da floração, possui espigas de 3 a 7 flores azul-violeta, com 5 a 8 cm de diâmetro.

Além do selo e dos carimbos comemorativos ao lançamento do mesmo, utilizados no Rio de Janeiro, Florianópolis (SC) e Vitória (ES) (Foto 2) no período de 04 a 11.6.76 a mesma espécie aparece ainda num Carimbo Comemorativo à 2a. Exposição Filatélica da Defesa do Meio Ambiente, ocorrida em São Bernardo do Campo (SP) (Foto 3) de 22 a 28.9.79.

Se você gosta de Orquídeas, mas não tem espaço para cultivá-las, por que não inicia uma coleção de selos de Orquídeas? Fica aí a sugestão e posso garantir que quando se começa é difícil parar.

Uma Nova Espécie de *Oncidium* do Espírito Santo

Marcos Antonio Campacci*
Eduardo Luis Martins Catharino**

Resumo

Tratamos nesse trabalho da descrição de uma nova espécie de *Oncidium* da seção *Pulvinata*, descoberto no estado do Espírito Santo.



Oncidium schunkeanum
Cultivo e Foto: Marcos Campacci

Descrição

Oncidium schunkeanum Campacci & Catharino n. sp.

Herba epiphytica, caespitosa; radicibus filiformibus; pseudobulbi orbiculati, 25,0 mm longi et lati. Folia subcoriacea, elliptico-lanceolata, 6,0-8,0 cm longa, marmorata. Flores simultanei, lutei et brunneo-coccinei maculati; sepalum dorsalis spatulata, 7,0 mm x 3,5 mm; laterales falciformes cum 7,0 mm x 3,5 mm; petalae sub-rectangularis, 7,0 mm

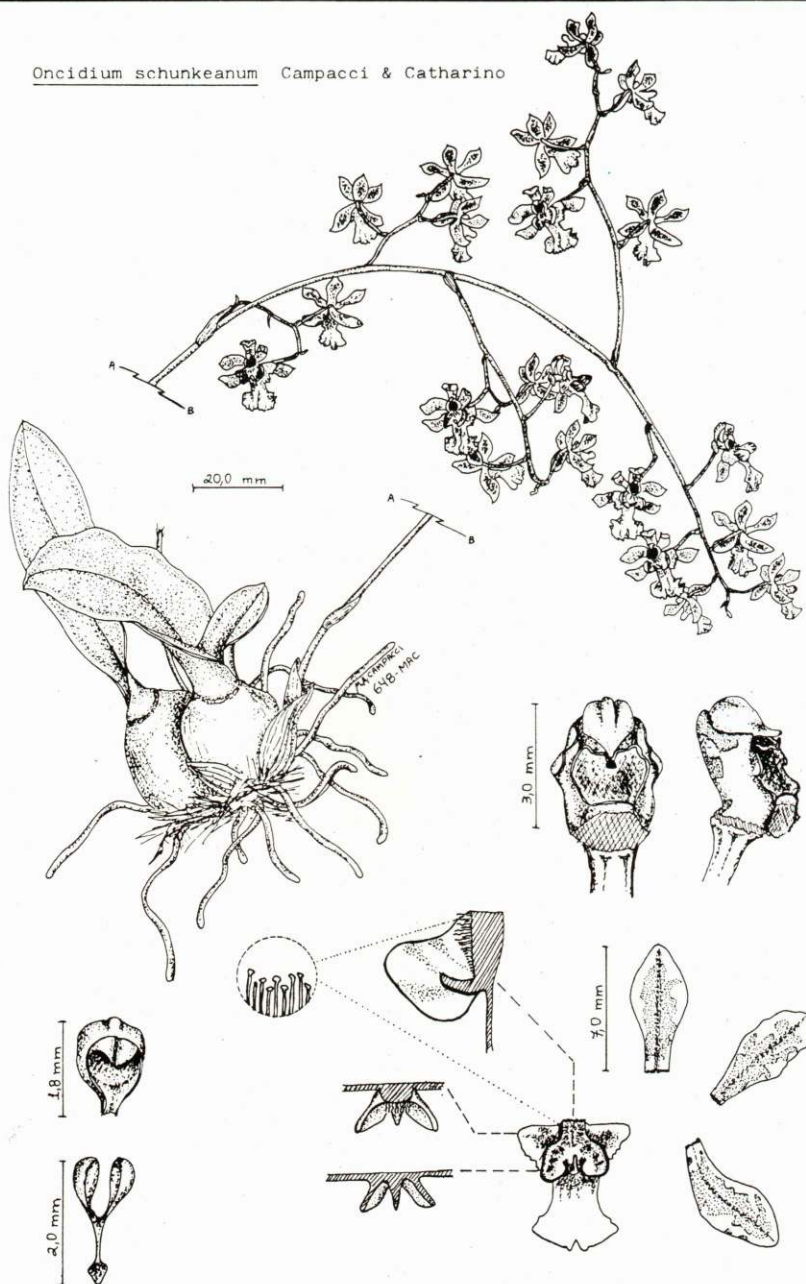
x 3,5 mm; labellum trilobatum — cum 7,5 mm x 6,0 mm, cum basis in delta formis et lobus centralis retusus; calus biconchatus, cornutus et pubescens at basis.

Planta epífita, caespitosa, com raízes glabras, flexuosas, alvacentas, com cerca de 1,0 mm - 1,5 mm de espessura; rizoma abreviado, pseudobulbos aproximadamente orbiculares, achatados, de cerca de 25,0 mm de diâmetro, com 01 ou 02 folhas apicais, sub-coriáceas, elíptico-lanceoladas, com ápice agudo, medindo 6,0 cm a 8,0 cm de comprimento por 1,5 cm a 2,5 cm de largura de coloração verde clara marmorada. Inflorescência de cerca de 20,0 cm - 30,0 cm de comprimento, com muitas flores simultaneamente abertas, raquis circular, bractea espatacea de 25,0 mm de comprimento, pedúnculo com bracteas amplexas de 12,0 mm de comprimento. Flores pequenas, de aproximadamente 15,0 mm de diâmetro, com sépala dorsal espatulada, de 7,0 mm x 3,5 mm; sépalas laterais falciformes de igual tamanho ao da dorsal, todas de cor marrom-avermelhado com bordas amarelas; pétalas sub-retangulares, de tamanho e coloração igual às sépalas; labelo trilobado, de 7,5 mm de comprimento por 6,00 mm de lar-

* *Círculo Paulista de Orquidófilos - Rua Álvares Machado, 41 - 20º andar - c/jto. B-C-D - S. Paulo - SP*

** *Jardim Botânico de São Paulo - div. Herbário*

Oncidium schunkeanum Campacci & Catharino



gura, os lobos laterais juntos em forma deltóide de base ampla, com margens laterais dentadas, ligados ao lobo central por istmo bastante largo, o central em forma assemelhada a um losango e com ápice retuso; calosidade complexa, pubescente junto à base do labelo, formando duas conchas levantadas lateralmente e entre elas um pequeno corno central. Labelo de coloração amarela no lobo central e marrom-avermelhada nos laterais; calosidade amarela mesclada de marrom-avermelhado. Coluna levemente alada, de 3,0 mm de comprimento e coloração amarela com máculas marrom-avermelhadas.

Habitat - Brasil, Espírito Santo, município de Serra, em matas úmidas.
Leg. Vital Schunk, s/n.º, março de 1989.

Fl. cult. novembro de 1990 (n.º 648-MAC)

Holotypus - SP

Discussão

Oncidium schunkeanum Campacci & Catharino pertence à seção *Pulvinata* Lindl. (Paxt., Fl. Gard. 1:24, 1850), que

tem como característica mais marcante calosidade provida de finos e pequenos pêlos. Tem como espécie mais próxima o *Oncidium harrisonianum* Lindl. Num primeiro exame já se percebem as diferenças de cor e tamanho das flores: *O. schunkeanum* Camp. & Cath. possui coloração mais escura e tamanho menor das flores. As principais diferenças situam-se no labelo, onde a nova espécie possui calosidade principal em forma de duas conchas laterais enquanto *O. harrisonianum* Lindl. possui cinco cornos recurvados, como mostra o esquema.

Com essa publicação pretendemos homenagear o descobridor desse *Oncidium* Sr. Vital Schunk, de Marechal Floriano no Espírito Santo. Queremos também agradecer ao Sr. Roberto A. Kautsky pela grande colaboração prestada.

Bibliografia consultada

Orchidaceae Brasiliensis G.F.J. Pabst & F. Dungs
Bradea - Vol. I - n.º 40 - L.A. Garay & J.E. Stacy
Oncidiums - A Cultural Guide - Wellington Orch. Soc. Inc.

Cattleya Loddigesii em Intenso Aprimoramento Genético

Álvaro Pessôa*



C. loddigesii "San Sebastian"

foto e cultivo — Álvaro Pessôa

Cruza n.º 174, Equilab, de *C. loddigesii* "Tony Bos" com *C. loddigessi* "extra".
Flor com 12 cm, de pétala a pétala, e 5 cm de largura. As dimensões decorrem da aplicação de colchicina durante a germinação.

C. loddigesii, Lindl, descrita no século passado, em 1822,¹ incluiu-se no grupo das orquídeas bifoliadas brasileiras. Com ela se homenageou Conrad Loddiges, comerciante inglês, da firma Loddiges & Sons, importador de plantas para a Inglaterra.²

A variedade *alba* foi descrita em 1898 na *Orchid Review*, n.º VIII, pág. 254 e a variedade *maculata*, em 1885, por Stein em *Orchideenb.* Alfred Cogniaux aponta seu habitat em Minas Gerais (Ouro Preto, Barbacena e Diamantina) e F.C.

Hoehne dá notícia, em *Iconografia das Orquídeas do Brasil*, que ela era abundante nas margens do Rio Pinheiros e na Serra do Mar, em São Paulo.

A planta produz híbridos naturais com *C. walkeriana* (*C. x dolosa*), com a própria *dolosa* (*C. x O'Brieniana*) e com *Laelia lundii* (*Lc. x fredna*).³

Dotada do charme característico das bifoliadas, com inflorescência em cachos bem grupados, *C. loddigesii* sempre foi motivo de forte admiração na família orquidófila. A ela se dedicaram os orqui-

¹ Flora Brasiliensis, von Martius, Orchidaceae, Alfredus Cogniaux, Vol. III, Parg IV, pág. 219, n. 24.

² The Brazilian Bifoliate Cattleyas and Their Color Varieties - John Fomite - 1975.

³ Orchidaceae Brasiliensis - Pabst & Dungs, Band I, pág. 145, n.º 858.

* Rua Uruguai 508/102 — Tijuca
Rio, RJ.



C. loddigesii "Sevilha"
foto e cultivo — Álvaro Pessoa
Autofecundação de *C. loddigesii*
"Alfredo Martinelli", pela Florália, gerando planta
harmônica e absolutamente perfeita.

dófilos da velha guarda, sendo notáveis os exemplares colhidos na mata e possuídos por A. Martinelli, (clone do mesmo nome) Amândio Pinho (Karina), Sumio Nakashima (Marisa), Harusi Iwasita (alba) e Mário Arruda Mendes. Sucessivos cruzamentos entre estes fenótipos⁴ já por si lindos, levaram a resultados positivos.

Foi em 1985 que Adhemar Manarini intensificou fortemente seu projeto de aprimoramento de clones nativos já consagrados. Entrincheirou-se na EQUI-LAB e deflagrou a compra sucessiva de cortes de plantas de alta linhagem. Cruzou-as intensamente.

Quase paralelamente a casa Florália autofecundou *C. loddigesii* 'Martinelli' enquanto Harusi Iwasita avançava em cruzas e autofecundações de albinos. Os albinos de Iwasita floriram verdadeiros híbridos de tão perfeitos, enquanto os trabalhos de Sandra Odebrecht produziram flores lindas e perfeitas, embora pequenas e, na maioria, claras.

São entretanto as plantas cruzadas por Adhemar Manarini, através de combinações de *puntatisimas* com *punctatas*,

boas formas escuras com *maculatas*; e *estriatas* com *tipo*, que estão fazendo a festa do inverno de 1991. A flor da capa deste número e as outras das fotos que ilustram este artigo, mostram, embora em primeira floração, até onde chegou o padrão de qualidade dos aprimoramentos feitos or Manarini. Demonstram também a inutilidade de tirar, hoje em dia, plantas da floresta, com tal oferta maciça de plantas de alta linhagem, qualidade e padrões internacionais.

Certamente o aprimoramento não pára. Com estas plantas agora floridas, resultado do trabalho sedimentado pelas antigas gerações, dentro de 5 ou 6 anos teremos fenótipos ainda melhores. Certamente, mais largos e harmoniosos, e contendo cores cada vez mais vivas. O impulso dado pelos que cruzaram as flores pelos últimos 10 (dez) anos deve ser levado adiante, na busca de plantas cada vez melhores. Só assim justificaremos o nome pelo qual somos todos conhecidos: orquidófilos, que significa amante das orquídeas e faremos a socialização das belezas naturais!



C. loddigesii "Harusi Iwasita"
foto e cultivo — Álvaro Pessoa
Clone decorrente de cruz de Harusi Iwasita de duas
plantas albas, que nos deram florações lindas e de
albinos perfeitos.

⁴ Fenótipo, em biologia, designa o genótipo crescido em condições ambientais ou naturais de cultivo.

O Gênero *Cymbidium* — Parte 1

R. Agnes*

Os *Cymbidiums* são cultivados há mais tempo que qualquer outra orquídea. Os registros mais antigos de orquídeas orientais datam de $\pm$ 500, antes de Cristo, e o cultivo organizado de *Cymbidiums* começou em 345 depois da era cristã, quando foi noticiado que um pavilhão fora especialmente construído para que a nobreza pudesse melhor apreciar essas plantas. As plantas de *Cymbidium* sempre foram bastante apreciadas no Oriente. Certa vez Confúcio terá dito que “O contato com uma pessoa superior é como entrar num salão cheio de orquídeas fragrantas”. As orquídeas a que se referia eram provavelmente espécies de *Cymbidium* que produzem flores perfumadas, como *Cym. ensifolium* e *Cym. pumilum*.

O primeiro *Cymbidium*, a espécie chinesa *Cym. ensifolium*, foi introduzido na Europa, em 1778, pelo inglês James Fothergill. O gênero foi subsequentemente descrito por Olaf Swartz em 1799. O nome *Cymbidium* é derivado da palavra ‘*kymbes*’ (barco a remo delgado) em alusão à forma do labelo, e a espécie tipo para o gênero é *Cym. aloifolium*. O trabalho do Swartz foi revisado por Lindley, Reichenbach e mais tarde Bentham, e em 1883, as espécies, como nós as conhecemos, foram corretamente descritas. Atualmente o gênero compreende aproximadamente 60 espécies que são endêmicas da Índia, sudeste da Ásia, Japão e Austrália e China.

Das 60 espécies, cerca de 10 mostraram-se adequadas para hibrida-

* Travessa Pepe 98/201, Botafogo, R.J.



Cymbidium ensifolium

Cultivo e Foto: M. Carpenter

* Travessa Pepe n.º 98/201, Rio, R.J

ção e, por isso, a forma das flores, na grande maioria dos híbridos, é muito parecida. Alguns hibridadores dividiram as espécies em três grupos, o primeiro compreende as espécies cujas plantas têm pseudobulbos grandes com folhas compridas e nervuras bem evidentes. As flores são produzidas em hastes compridas e bem arqueadas. As espécies do grupo são *Cym. hookerianum*, *Cym. i'ansonii*, *Cym. lowianum* e *Cym. tracyanum*.

As plantas do segundo grupo produzem flores de cores mais vivas e as plantas são mais compactas com pseudobulbos menores e folhas mais curtas. As espécies deste grupo, incluem entre outras, *Cym. eburneum*, *Cym. erythrostylum*, *Cym. insigne* e *Cym. parishii*.

O terceiro grupo é dos chamados *Cymbidiums* miniatura que têm plantas pequenas e produzem flores pequenas, por ex. *Cym. ensifolium*, *Cym. pumilum* e *Cym. tigrinum*. Uma exceção notável é a espécie Australiana, *Cym. madidum*, que produz flores pequenas numa planta desproporcionalmente grande.

O primeiro híbrido, *Cym. Eburneolowianum* (*Cym. eburneum* x *lowianum*) foi registrado, em 1889, por Veitch. Todos os primeiros híbridos produziam flores marrom-esverdeadas, por causa do

pequeno número de espécies disponível. Vista rápida nos registros da Sander's List of Orchid Hybrids mostra que somente 14 híbridos foram registrados no período 1890-1910 enquanto aproximadamente 1750 híbridos foram registrados no período 1910-1946. Um avanço importante na hibridação de *Cymbidiums* foi o cruzamento de *Cym. Eburneolowianum* com *Cym. insigne* 'Sanderæ' para produzir *Cym. Alexanderi*. O clone 'Westonbirt' era um tetraplóide, tendo sido usado extensivamente para hibridação. *Cym. Alexanderi* 'Westonbirt' transmitia características altamente desejáveis para sua progênie, tais como flores de melhor forma, substância e textura e hastes fortes e bem altas. Genes desta planta estão presentes numa boa parte dos nossos híbridos modernos. Apesar do início lento, milhares de híbridos já foram registrados, culminando no período 1955-1970, quando o acaso juntou certo número de clones tetraplóides, que foram usados para criar híbridos de altíssimo nível como *Cym. Lillian Stewart*, que, com 84 clones premiados pela AOS, é a orquídea mais premiada até hoje.

Vou, neste texto, limitar-me àquelas espécies que foram tão usadas, no início do século, para hibridação.



Cymbidium Miretta

Cultivo: N. Porter — Foto: Roberto Agnes

O *Cymbidium lowianum* figura como uma das espécies de *Cymbidium* mais conhecidas, quase todo cultivador de *Cymbidium* já teve esta espécie na sua coleção. É não só uma espécie bastante vistosa, como também teve papel fundamental na criação de híbridos de cor verde. A espécie foi descoberta em Burma em 1877 e descrita, por Reichenbach, em 1879, que, com o nome prestou homenagem a um dos melhores cultivadores do seu tempo, Stuart Low. As plantas são bem grandes e produzem folhas de até 75cm de comprimento. A inflorescência de até 1,5 m de comprimento é elegantemente arqueada e produz de 15 a 25 flores, com 7,5 a 10 cm de largura. As flores variam do verde-amarelado ao verde alface e o labelo branco tem uma borda vermelho sangue. Mesmo depois de muitas gerações, fica fácil identificar a influência de *Cym. lowianum* nos famosos híbridos verdes como *Cym. Miretta* e *Cym. Loch Lomond*. Os melhores clones destes híbridos têm labelo branco com uma larga margem vermelha, que cria um lindo contraste com o resto da flor.

O *Cymbidium lowianum* var. *concolor* é, na verdade, a forma *alba* dessa espécie pois as flores não contêm antocianina (pigmentação vermelha). A margem do labelo é amarela e quando a flor é polinizada o labelo não fica vermelho. Essa variedade é a principal progenitora dos chamados *Cymbidiums* 'concolor', também é uma das matrizes usadas no famoso *Cym. Alexanderi* 'Weston-birt'.

Cymbidium tracyanum é endêmico em Burma e tão popular quanto *Cym. lowianum*. Fora descrito em 1890 por R.A. Rolfe em homenagem ao Sr. Tracy, o primeiro a florescer a espécie entre um lote de *Cym. lowianum*. Houve alguma divergência em relação ao nome da espécie, alguns autores usavam *Cym. tracyanum* enquanto outros usavam *Cym. tracyanum*. Com recurso aos registros originais, comprovou-se que a espécie foi descrita com o nome *Cym. tracyanum* (Gardner's Chronicle, 1890) e por isso a descrição feita subsequentemente no William's Orchid Grower's Manual, em

1891, usando *Cym. tracyanum* não é válida. A planta produz grandes pseudobulbos de forma alongada com folhas de até 75cm de comprimento. A inflorescência arqueada mede até 1.3 metros de comprimento e produz de 15 a 20 flores, de 10 a 12.5 cm de diâmetro. As flores são bronze-amarelo com veias marrom-avermelhadas bem distintas. O labelo amarelo-claro é coberto de pintas púrpura-avermelhado. Existem variedades de cor, que vão desde o marrom-esverdeado ao mogno bem escuro. Uma característica indesejável é o hábito das pétalas e sépalas recurvarem para atrás, mas isto já foi eliminado através da hibridação. *Cym. tracyanum* tem a grande vantagem de florescer antes das demais espécies e foi usado principalmente para criar híbridos de floração precoce como *Cym. Lucy*, *Cym. Lucy Moor* e *Cym. Angelica*.

No começo, a rara espécie *Cymbidium i'ansonii*, foi tida como híbrido natural, de *Cym. tracyanum* e *Cym. lowianum*. Porém, quando o cruzamento foi mostrado por Mansell & Hatcher em 1906 com o nome de *Cym. Cravenianum* viu-se que as flores eram completamente diferentes das de *Cym. i'ansonii*. A descrição da planta original foi então revista e o *Cym. i'ansonii* foi redescrito como espécie válida. O cruzamento de *Cym. tracyanum* x *Cym. lowianum* foi mostrado de novo em 1908 por G. Coleman como *Cym. Gattonense*, mas o primeiro registro, o de *Cym. Cravenianum* goza de precedência. As plantas de *Cym. i'ansonii* são similares às de *Cym. tracyanum* e *Cym. lowianum* e as flores assemelham-se às de *Cym. tracyanum*. A época de floração vai do inverno ao início de primavera (mais cedo que *Cym. lowianum* e bem depois de *Cym. tracyanum*) e a inflorescência semi-ereta produz de 12 a 15 flores, com 10 a 12cm de largura. As flores são amarelo-bronze com veias púrpura-avermelhado e o labelo é amarelo-claro coberto de pintas vermelhas. *Cym. i'ansonii* é antepassado de quase todos os híbridos de *Cymbidium* rosa-escuro e vermelhos. Em 1919 *Cym. i'ansonii* foi cruzado com *Cym. insigne*

para produzir *Cym. Ceres* e um clone, em particular, o *Cym. Ceres* 'F. J. Hanbury' FCC/RHS foi progenitor de quase todos os bons *Cymbidiums* vermelhos existentes atualmente. Entre os melhores figuram *Cym. Sabre Dance*, *Cym. Sensation* e *Cym. Tapestry*.



Cymbidium Tapestry x Rincon
Cultivo: N. Porter — Foto: Roberto Agnes

Cymbidium hookerianum é endêmico do Nepal, Índia e Tibet e cresce em altitudes de, aproximadamente, 1600 a 2000 metros. A espécie foi descrita, em 1866, por Reichenbach, baseando-se numa planta florida por Veitch. Como no caso das espécies anteriores, existiu alguma confusão em relação a nomenclatura da espécie. Na primeira edição do Sander's List of Orchid Hybrids o nome *Cym. grandiflorum* foi usado para fins de registro, porém o nome válido é *Cym. hookerianum* e *Cym. grandiflorum* é tido como sinônimo de *Cym. hookerianum*. As plantas desta espécie são bastante diferentes das plantas das outras espécies de flor grande por causa do crescimento em tufos, e a base das folhas que assemelha-se a uma espata. A inflorescência produz de 12 a 15 flores, que medem até 15cm de diâmetro. As flores são verde-oliva a o labelo e amarelo-claro, tem uma fila de grandes pintas vermelhas na borda e uma fila segmentada de pin-

tas vermelhas descendo a garganta. *Cym. hookerianum* floresce no início do inverno e foi de valor inestimável para a criação de híbridos amarelos e verdes de floração precoce. Entre os melhores cruzamentos figura o *Cym. Fanfare* (que, junto ao *Cym. Miretta* e *Cym. Loch Lomond*) aparece como progenitor de muitos dos excelentes *Cymbidiums* verdes e amarelos vistos atualmente.

Cymbidium insigne é nativo da região Annam, na Índia, e foi descrito em 1901. Os hibridadores valorizam muito seu hábito de crescimento compacto e as inflorescências altas e eretas que produzem até 20 flores de $\pm$ 10cm de largura. As pétalas e sépalas variam em cor, do branco ao rosa-pálido, e o labelo é branco com pintas rosa-avermelhado e amarelo na garganta. Outra vantagem em usar essa espécie é a durabilidade das flores. O clone *Cym. insigne* 'Sanderae' foi usado extensivamente por causa de suas flores de forma excelente (com pétalas e sépalas bem largas) e o excepcional hábito de inflorescência. Já foi dito que essa espécie tem a capacidade de melhorar os atributos das outras espécies com que foi cruzada. O cruzamento mais importante foi *Cym. Alexanderi* registrado em 1911 por Col. Holford que, através do clone 'Westonbirt', deu início a uma fase de cruzamentos excelentes. Este clone é sem dúvida a planta mais hibridada.

Entre 1911-1946 foram registrados 117 híbridos e no período 1946-1960 mais 152 híbridos com o *Cym. Alexanderi* 'Westonbirt' FCC/RHS. Como mencionado antes este clone era, por acaso, um tetraplóide e entre sua ilustre lista de progênie destacam-se *Cym. Balkis*, *Cym. Cleo Sherman*, *Cym. Rincon*, *Cym. Rosarita*, *Cym. Stanley Fouraker* e *Cym. Swallow*. Na maioria das vezes *Cym. insigne* através do *Cym. Alexanderi* teve papel instrumental para a criação dos *Cymbidiums* brancos e rosa-claro que são de padrão quase perfeito.



Cymbidium Winter Fair

Cultivo: N. Porter — Foto: Roberto Agnes

Cymbidium erythrostylum também é nativo da região de Annam e é uma das menores entre as espécies de flor grande. As plantas produzem bulbos pequenos com folhas de até 30cm de comprimento. Essa espécie é bastante florífera e as hastes produzem de 6 a 10 flores, com $\pm$ 9cm de largura. As flores são brancas e o labelo é branco com pintas vermelhas. Os lobos laterais que encobrem a coluna são vermelhos, dando origem ao nome da espécie. As pétalas tendem a ser pequenas e estreitas e são sempre voltadas para frente, quase encobrindo a coluna. As sépalas são grandes arredondadas e o labelo é pequena em relação ao tamanho da flor. Com esta informação muitos devem se perguntar, porque então usar esta espécie? O motivo mais importante é que ela floresce em Abril/Maio (bem antes que as outras espécies) e quando usada em cruzamentos produz *Cymbidiums* brancos de floração precoce. As características indesejáveis tendem a desaparecer nas gerações subseqüentes e selecionando-se cuidadosamente as matrizes é possível criar *Cymbidiums* brancos de floração precoce, como por ex. *Cym. Early Bird*, *Cym. Stanley Fouraker*

e *Cym. Winter Fair*. Este último produz flores brancas pristinas com labelo pintado de vermelho que floresce, de Abril a Maio e tem sido muito usado para a criação de *Cymbidiums* brancos de alto padrão como *Cym. Baltic Snow*.

Cymbidium eburneum é endêmico na Índia e foi descrito por Lindley em 1847. As plantas dessa espécie são pequenas e raquíticas e, em razão disso, dificilmente encontradas em coleções. A inflorescência ereta, de até 35cm, produz entre 1 e 3 flores que medem de 7 a 10cm de diâmetro. As flores têm pétalas e sépalas largas e bem arredondadas, variando do branco ao rosa-claro. O labelo é creme, coberto de pintas vermelhas, com uma saliência amarela que se estende para dentro da garganta. *Cym. eburneum* 'concolor' figura em muitos dos *Cymbidiums* tipo 'concolor' e tende a clarear a cor da outra matriz usada, mesmo que essa seja de cor escura.



Cymbidium parishii 'Emma Menninger' 4N
Cultivo e Foto: M. Carpenter

Cymbidium parishii é nativo da Burma e foi assim denominado em homenagem ao Rev. Parish que foi o primeiro a fazer florir a espécie, na Inglaterra. Por muitos anos essa espécie foi tratada como variedade de *Cym. eburneum* mas as plantas são maiores do que as de *Cym. eburneum*. Por outro lado, *Cym. parishii* produz de 3 a 6 flores por inflorescência, bem mais que *Cym. eburneum*. As duas espécies são igualmente raras e existe um grande esforço para reproduzi-las artificialmente. As flores medem ± 10 cm de largura e vão do branco ao rosa-claro. O labelo é a grande atração pois nos melhores clones ele tem uma margem larga vermelho-aveludado que tende a ser dominante nos cruzamentos. Os dois clones mais importantes são *Cym. parishii* 'Sanderæ', com flores brancas e labelo vermelho, e *Cym. parishii* 'Emma Menninger', um tetraplóide que tem flores rosa-claro com uma margem aveludada cor vermelho-arroxeadado no labelo. Embora *Cym. parishii* não tenha sido usado extensivamente para hibridação, produziu uma das matrizes mais importantes para a criação de *Cymbidiums* rosa, o notável *Cym. Rosanna* 'Pinkie' que figura em muitos dos melhores rosas como *Cym. Etta Barlow* e *Cym. Mary Anne*.

Outras espécies foram usadas em menor escala, como *Cym. giganteum* e

Cym. schroederi. Nenhuma dessas espécies trouxe algo de importante para hibridação e deixou-se de usá-las ainda no início do século. *Cym. giganteum* produz flores marrom-amarelados que não são muito duráveis. A flor verde-amarelada do *Cym. schroederi* é inferior à do *Cym. lowianum* e *Cym. hookerianum* e embora fossem registrados vários híbridos no início do século essa espécie acabou sendo substituída pelas outras duas espécies.

A hibridação de *Cymbidiums* avançou muito, o que se vê quando, se compara as flores de hoje em dia com as flores estreladas e de cor suja dos híbridos antigos. Chegamos a um ponto tal que parece difícil melhorar o padrão dos híbridos brancos e rosa-claros e alguns hibridadores acham que as flores estão ficando grandes demais, por ex. *Cym. Via Ambarino* 'Highland' FCC/AOS (90 pts) que produz flores amarelo-ouro de 15.9cm de largura. Mais recentemente vem ocorrendo renovado interesse pelos híbridos de *Cymbidium*, principalmente no que diz respeito às cores menos trabalhadas, como policromados, bronzes e flores de pétalas e sépalas pintalgadas, o que promete muitas surpresas para o futuro.

Na sequência discutiremos as espécies que foram usadas para produzir *Cymbidiums* miniatura.

Merismas Sobre Meristema

Raimundo Mesquita*

“*Meristema* — (De *meri*, gr. + *stêma*, ‘fio’). S.M. Anat. Vegetal. Tecido caracterizado pela ativa divisão de suas células, e que produz as novas células necessárias ao crescimento da planta”.

“*Merismático* (Do gr. *mérisma*, atos, ‘porção, fração’ + *ico*) *Adj.* Diz-se da multiplicação ou reprodução que se efetua pela divisão das células ou dos organismos”.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira:
Novo Dicionário da Língua Portuguesa.

“*Merisma*, s.m. Divisão de um assunto, de um ponto em partes distintas”.

Antônio de Moraes e Silva — Novo Dicionário
Compacto da Língua Portuguesa.

George Morel, que, praticamente, descobriu e desenvolveu o primeiro método de reprodução de orquídeas por cultura de partes do tecido vegetal, escreveu, num dos seus ensaios, que todos nós que cultivamos orquídeas, fazemos, sem saber uma sorte de meristemagem rudimentar, ao dividir as nossas plantas, fazendo duas, onde tínhamos uma e, como seria óbvio, os dois novos espécimes serão absolutamente, iguais.

Então isso é que é meristema, poderíamos perguntar, como M. Jourdain, o clássico personagem de Molière, que fazia prosa, sem saber que aquilo, que, cotidianamente, fazia era prosa...

E, de repente, todo o mistério que envolvia a palavra mágica, “meristema”, se esfuma e descobrimos que aquilo que pensávamos ser ciência e segredos de *iniciados*, que só os compartilham com uns poucos de fechada confraria, é algo corriqueiro e que bem pode estar ao nosso alcance.

Embora não seja bem assim, já que essa forma de reprodução vegetal não se restringe à simples divisão de plantas, parece ser possível dizer que cultura de tecidos de orquídeas não é coisa tão complicada, que não possa ser praticada por um orquidófilo amador que se disponha

a ter os meios necessários, tenha alguma destreza, a coragem necessária e obstinação, para continuar tentando, depois dos primeiros insucessos e dos muitos que virão a seguir...

Estas são as virtudes exigidas para o candidato a cultivador de tecidos, além, é claro, de um mínimo de conhecimentos, mais sobre as técnicas de preparar e dissecar o tecido, até localizar o meristema, e de como tratá-lo, etc. Sem dúvida que o conhecimento científico é da maior valia, mas ninguém precisa retornar à Universidade, para estudar Botânica, Anatomia Vegetal, Biologia etc., para tentar fazer seus meristemas. Não é diferente da cultura por sementes. Para semear e fazer germinar nenhum de nós precisa de conhecimento científico maior do que o rudimentar de que dispomos.

É, no entanto, técnica mais exigente do que a de semear, já que, como naquela, deparamo-nos a cada momento com o risco de contaminação, esse tormento dos cultivadores, mas em muito maior escala, assim como é a taxa de mortalidade na cultura de tecidos, letalidade e insucesso que, aliás, não é privilégio de nós amadores...

I — Um pouco da história.

A meristemagem de orquídeas tem uma história recente, com pouco mais de

* Rua D. Mariana n.º 73/902
Botafogo, Rio, RJ — 22.280

30 anos, já que só em 1960 o método de produção de clones vegetais por cultura de células parenquimáticas, foi aplicado, com êxito, na reprodução de *Cymbidium*, por Morel.

Partindo de observação corriqueira, que faz qualquer cultivador de plantas, sobre a capacidade que tem certas plantas de se reproduzir a partir de partes do tecido vegetal (folhas, pedaços de caules, segmentos de raízes etc.) e não apenas por sementes, pesquisadores, nos anos quarenta, começaram a, aprofundar os estudos sobre essa qualidade de regeneração do tecido vegetal, fenômeno que leva células adultas iniciarem o processo de diferenciação, formando novos meristemas que levam a especialização de novos órgãos, raízes e brotos.

Quem cultiva violetas, begônias, Calanchoe e outras plantas ornamentais, sabe que basta separar uma folha da planta e deixá-la sobre um pouco de terra para que produza novas raízes e protocormios, que irão transformar-se em novas plantas, absolutamente iguais àquela de onde saiu a folha.

Descobriram os pesquisadores, em seguida, que igual capacidade existia no parênquima interno de gemas de plantas, como, também, nas gemas existentes em certas hastes florais, mas sempre trabalhando e pesquisando com outras plantas que não orquídeas.

Ao investigar, em 1960, o potencial do meristema apical de certas plantas, George Morel descobriu que esse órgão seria capaz de gerar novas plantas, por regeneração do tecido.

A primeira aplicação feita, por aquele pesquisador francês, nas orquídeas deu-se com *Cymbidium*.

Seguiu-se um não mais acabar de descobertas e métodos e para o que as contribuições dos estudos químicos, sobre ação dos hormônios (que permitiram o desenvolvimento de meios de cultura adequados à regeneração de espécies particulares de vegetais), os estudos de genética, etc. ensejaram a aceleração científica, como, aliás, em todos os setores do conhecimento humano que é uma

das características mais eminentes deste final de século, permitindo, de um lado, a perpetuação de clones de excepcional qualidade, ao mesmo tempo em que se disseminava e democratizava, pelo barateamento de custo, o cultivo das orquídeas.

Mas toda essa aventura, não tem sido apenas científica e tem também os seus lances mafiosos, bem conhecidos dos orquidófilos, que resultam da ganância e cupidez de inescrupulosos que, sempre, se enxertam em qualquer coletividade e vão desde os ladrões de espécimes, que um dia aparecem aos montes no mercado, até ao espertalhão, que, requereu e obteve, nos Estados Unidos, patente de métodos e práticas de clonagem para pretender receber royalties...

Continuaremos em número próximo, mas é forçoso, aproveitando esta primeira oportunidade, deixar consignado, por uma questão de rigor, não ser o autor outra coisa senão orquidófilo amador, sem maiores conhecimentos científicos.

A matéria de que se inicia a publicação tem, por conseguinte, o caráter de divulgação jornalística, embora, aqui e ali, possam aparecer observações resultantes da própria experiência e dos insucessos do autor.

O objetivo perseguido foi o de, pela pesquisa em textos dos autores que serão referidos na referência bibliográfica final, despertar o interesse por esse método de reprodução e transmitir algumas informações sobre as práticas mais comuns e simples.

Finalmente, quero deixar registrado o meu reconhecimento e agradecimento ao ilustre Prof. Silvio Lopes Teixeira, Ph. D, do Departamento de Cultura de Tecidos, da Universidade Federal de Viçosa, pela ajuda e orientação que me deu sobre o assunto, quando me decidi a dar os primeiros passos nesse caminho tão cheio de boas surpresas e fracassos estentóreos.

Alia aquele professor, a um profundo conhecimento científico, um excelente senso prático, que lhe tem permitido desenvolver instrumental a partir de meios absolutamente inesperados, que relatarei num dos capítulos que se seguirão.

Uma Nova Espécie de *Oncidium* do Estado da Bahia

Vitorino Paiva Castro Neto *
Marcos Antonio Campacci *

Resumo

Este trabalho faz um rápido comentário sobre o gênero *Oncidium*, descreve o local onde esta nova espécie é encontrada, seguida pela descrição da nova espécie (*Oncidium silvanum* n. sp.)

Abstract

This work makes a short comment on the genus *Oncidium* and explains where this new species is found, followed by a description of the new species (*Oncidium silvanum* n. sp.)

O gênero *Oncidium* foi estabelecido em 1800 por Olaf Swartz um botânico sueco e o nome foi escolhido da palavra grega "ONKOS" que quer dizer tumor em referência aos calos do labelo, comuns neste gênero. Esta nova espécie é proveniente das zonas montanhosas da região de UNA, no sul da Bahia. Estas montanhas com altitude entre 300-500m próximas do mar determinam a formação de uma região bastante úmida, onde cresce uma flora endêmica com muitas espécies específicas. A região de UNA se caracteriza por ser uma região muito particular, pois possuindo um clima quente e úmido se assemelha ao da região amazônica. São provenientes desta

região algumas espécies como *Stenia pallida*, *Koellenstenia graminea*, *Aganisia pulchella* e *Mendoncella ciliata* que são espécies típicas da região amazônica. É interessante ressaltar que estas crescem junto com algumas *Cattleyas* como, *C. kerrii*, *C. schofieldiana* e *C. schilleriana*.

Queremos homenagear neste trabalho o Sr. Edmundo Ferreira da Silva, orquidófilo e pesquisador, que tanto tem contribuído para o conhecimento da flora da Bahia.

The genus *Oncidium* was described in 1800 by the Swedish botanist, Olof Swartz. The name is derived from *onkos* referring to the callus on the lip, a common feature in this genus. This new species is endemic to the mountains of the UNA region in the southern parts of Bahia and grows at an elevation of 300-500m. The UNA region is situated close to the sea and is characterised by climatic conditions that approximate those of the Amazon region. As a result the region is quite humid and the endemic flora contains a number of species that are also native to the Amazon, for ex. *Stenia pallida*, *Koellenstenia graminea*, *Aganisia pulchella* and *Mendoncella ciliata*. These species grow along with *Cattleya* species such as *C. kerrii*, *C. schofieldiana* and *C. schilleriana*. *Oncidium silvanum* was named in honour of Mr. Edmundo Ferreira da Silva, researcher and orchidist, whose contributions have been invaluable to furthering our knowledge of the flora of the state of Bahia.

* Círculo Paulista de Orquidófilos.
— Rua Álvares Machado, 41 — 20º ANDAR —
Conj. B-C-D; — São Paulo — SP.

Descrição da espécie

Oncidium silvanum P. Castro & Campacci n. sp.

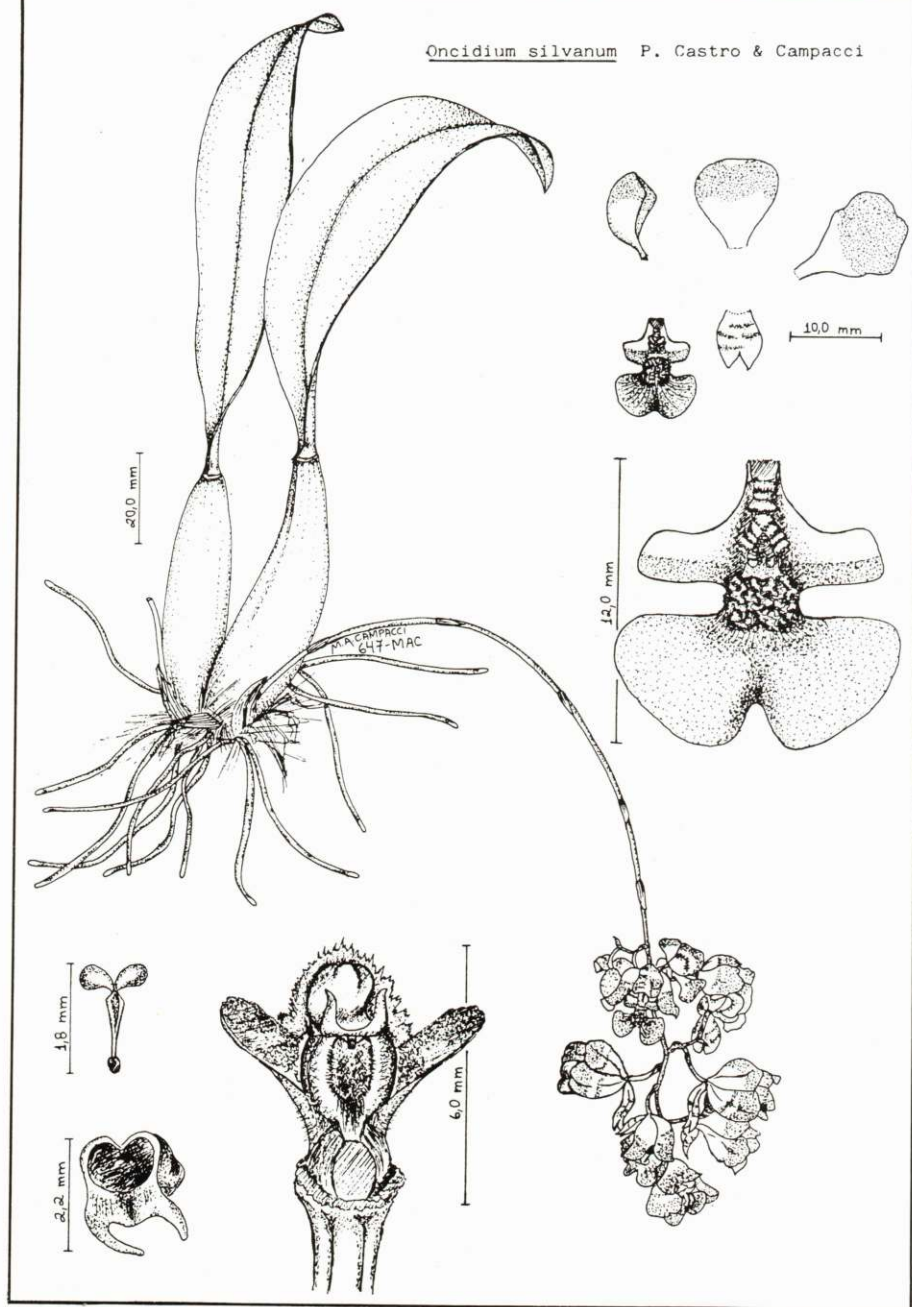
Epiphyticum, *Racidibus*, filiformibus, flexuosis, glabris, rhizoma, valde abbreviatum, ;*Pseudobulbi*, teretiusculi, 4,5-7,0cm longi, 1,0-2,0cm lati, unifoliati. *Folia*, elliptico-acuminata, 10,0-15,0cm longa, 2,0-3,0cm lata. *Sepalae dorsualis*, obovato-complanata, conchata, 10mm longa, 10mm lata, flava et brunneo coccinea; *Sepalae lateralis*, in synsepalum ellipticum, leviter conchata, 6mm longum, 5mm latum, flavum brunneo-coccineum striatum; *Petalae*, sub-claviformis, leviter curvatae, 13mm longae, 9mm latae, coloris similiter sepalae dorsuales. *Labelum*, trilobatum, 12mm longum, 9mm latum. cum unguiculus 3mm longi, *lobi laterali* trapezoidi, 2,5mm longi, 2,5mm lati, flavi et brunneo coccinei, *lobus centralis* subreniformis, bilobulatus curvatus, 5mm longus, 9mm latus, brunneo coccineus. *Calus*, in undulatae lamnulae formis, synmetricae, post nudus locus et post undulatum tuberculum qualis prominentum in centralis lobus.



Oncidium silvanum
Cultivo: V. Paiva Castro — Foto: Marcos Campacci

Epifita, caespitoso, c.a. 15,0-20,0cm de comprimento, *Raízes*, glabras, flexuosas, alvacentas, c.a.1,0-1,5mm de espessura. *Rizoma*, bastante curto. *Pseudobulbos*, teretiformis, c.a. 4,5-7,0cm de comprimento por c.a.1,0-2,0cm de largura, normalmente com 1 folha apical às vezes duas. *Folhas* sub-coriáceas, lisas, brilhantes, elíptico aguçadas, c.a. 10,0-15,0cm de comprimento por c.a.2,0-3,0cm de largura, ápice agudo. *Inflorescência*, base dos pseudobulbos, nutante, paniculada, c.a.15,0-20,0cm de comprimento. *Escapo*, arqueado, de c.a.1,0-1,5mm de espessura, com bainhas amplexas triangulares de c.a.6,0mm de comprimento, espaçadas c.a.3-4cm. *Racimo*, cerca de 1/3 da inflorescência com 6 a 20 flores, brácteas inconspícuas. *Flores*, densamente agrupadas, c.a. 17,0mm de diâmetro; *Sépala dorsal*, oboval-achatada, aconchavada, arqueada sobre a coluna, c.a.10,0mm de comprimento, por c.a.10,0mm de largura, de cor amarelo ouro e escarlate acastanhada da metade para o ápice. *Sépalas laterais*, conchadas em sinsépalo, elíptico, levemente aconchavado, c.a.6,0mm de comprimento, por 5,0mm de largura, amarelo ouro com listras escarlates acastanhadas, *Pétalas*, subclaviformes, ligeiramente recurvadas sobre a coluna, c.a.13,0mm de comprimento por c.a.9,0mm de largura, de coloração similar a sépala dorsal. *Labelo*, nitidamente trilobado de c.a. 12,0mm de comprimento por c.a. 9,0mm de largura, com unguículo de c.a. 3,0mm de comprimento por c.a. 1,5mm de largura na base e c.a. 3,0mm de largura na interseção com os lobos laterais; *lobos laterais* de forma trapezoidal de c.a. 2,5mm por c.a. 2,5mm, estes divididos transversalmente na sua metade em amarelo ouro na parte posterior e escarlate acastanhado na parte frontal; *Lobo mediano*, sobreniforme bilobulado recurvado para sua parte posterior, c.a. 5,0mm de comprimento por c.a. 9,0mm de largura, escarlate acastanhado, *Calos*, sobre disco central em forma de placas onduladas, simétricas com reentrância na parte anterior, com pequena separação e a seguir uma calosidade em forma de mas-

Oncidium silvanum P. Castro & Campacci



sa ondulada que avança sobre o lobo mediano, caracterizando-se pelo aspecto brilhante que apresenta. *Coluna*, alada, de c.a. 6,0mm de comprimento por c.a. 6,0mm de largura de envergadura nas asas e c.a. 1,8mm de diâmetro na base, *Estigma*, pubescente, *Antera*, em forma de capuz, bilobada, com base terminando em dois apêndices recurvados, *Polineas-2*, c.a. 1,8mm de comprimento total, amareladas com longo caudículo.

HABITAT: Brasil: Bahia: Município de Arataca, c.a. 300-500.m.s.m., leg. Edmundo Ferreira da Silva, s/n., fl. cult. 10/10/1990

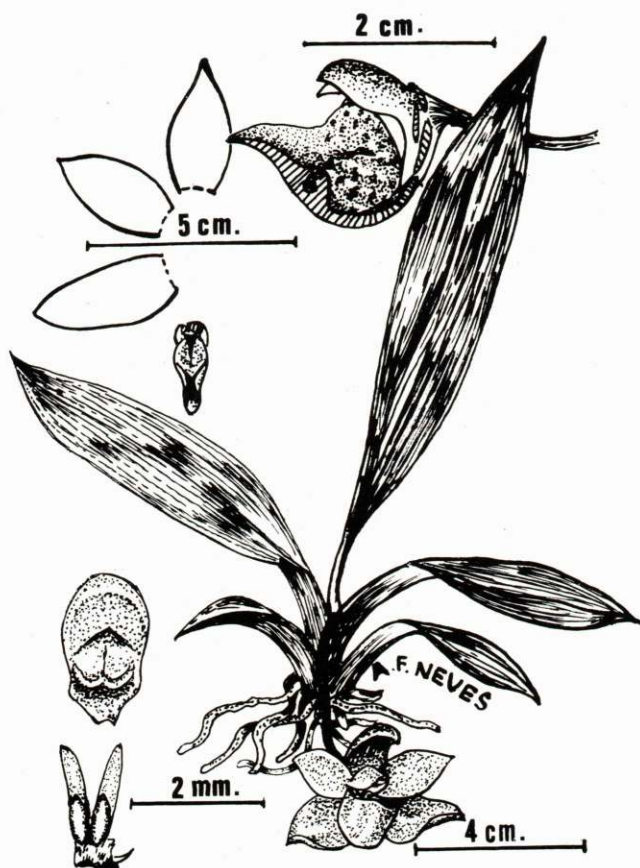
HOLOTYPUS (HERBARIUM SP)

O colorido e a forma do labelo deste novo *Oncidium* da seção *Walueva*, chama a atenção pelo fato de ser bem diferente das outras espécies desta seção, por isto nenhum comentário adicional é necessário, pelo fato de não se ter nenhuma espécie em particular com a qual possa ser comparada.

The colour and shape of the flower of this new *Oncidium* from the *Walueva* section are quite different from the other species in the section. Due to this and the fact that there exists no similar species, no additional remarks were deemed necessary.

O Gênero *Stenia* Lindl.

*Augusto Fernandes Neves**



STENIA Lindl., Bot. Reg. 23: sub t.
1991. 1837; *Stenopolon* Rafin.,
Tellur. 4: 49. 1838.

* R. João P. Limongi, 51
05518 — São Paulo — SP.
F. 842-9786

Orquidáceas epífitas, apresentando
pseudobulbos inconspícuos ou ausentes,

uni ou trifoliados, revestidos por várias bainhas. Folhas coriáceas, oblongas até oblongo-obovadas, nervura mediana proeminente. Flores relativamente grandes para a planta; inflorescências unifloras, recurvas, ligeiramente curtas, emergentes das axilas foliares. Sépalos laterais algo mais largos que o dorsal, de comprimentos semelhantes entre si, livres, patentes. Pétalos semelhantes ao sépalo dorsal e adnatos ao pé da coluna. Labelo carnoso, incumbente, côncavo e casidiforme, simples ou ligeiramente trilobado; lobos laterais, quando existentes, de reduzido tamanho; lobo central amplo; disco apresentando uma lâmina ou crista transversal orientada para a frente, simples ou multidentada. Coluna grossa, ereta, terete ou simeterete, ápoda ou por vezes com um pé; bordo do clinândrio fortemente oblíquo, simples; antera terminal operculada, incumbente, bilocular: polínios 4, serosos, geralmente piriformes, agrupados 2 a 2, os frontais menores que os anteriores; retináculo bem desenvolvido. Gênero de espécies pouco numerosas, 4 no máximo, de cultivo semelhante ao das *Huntleya* e ao das *Bollea*. Estão distribuídas pela Venezuela, Trinidad, Guayanas, Brasil e Peru.

Stenia pallida Lindl., Bot. Reg 23: sub. t. 1991. 1837.

Plantas epífitas de tamanho mediano.

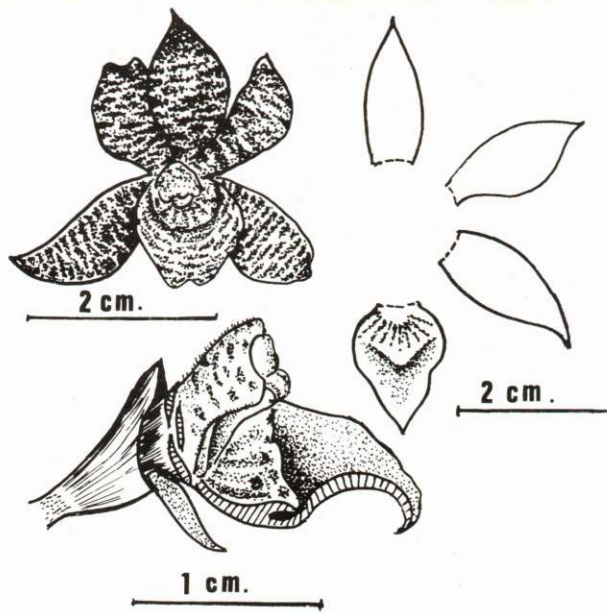
Pseudobulbos ausentes, por vezes inconspícuos, bi ou trifoliados, bainhas espatáceas, patentes, uns 3 cm de compr.; quando ausente de pseudobulbos, apresenta-se com várias folhas radicais e com bainhas espatáceas pouco desenvolvidas. Folhas rigidamente coriáceas, eretas e conduplicadas em sua posição ou porção inferior, fortemente recurvas, oblongas até elípticas ou oblongo-obovadas, agudas, cuneiformes, carinadas em seu dorso, de 7-15 cm de comprimento e 2-4 cm de largura. Inflorescências unifloras em pedúnculo fortemente flexuoso, por vezes reto, delgado e com 3-6 cm de compr. e 1,5 mm de espessura, apresentando no ápice uma ou duas brácteas opostas, ovaladas e agudas, de

uns 3-5 mm de comprimento. Flores ora patentes ora nutantes de coloração amarelo pálido e verdoengo. Os sépalos apresentam-se ligeiramente côncavos, translúcidos, membranáceos, patentes, nervurações tenues, 7, breve atenuados para a base, agudos ou subabrutamente aguçados, menudo apiculados ou curtamente acuminados; sépalo dorsal oblongo-obovado, ligulado-oblongo, por vezes elíptico-obovado, uns 20-35 mm de comprimento, 7-16 mm de largura; sépalos laterais oblongo-lanceolados até elíptico-obovados, fortemente oblíquos, uns 24-42 mm de compr. e 10-20 mm de largura. Pétalos membranáceos, translúcidos e patentes, subplanos, por vezes ligeiramente recurvados no ápice, 7 nervurações tenues a tenuíssimas, oblongo-lanceolados até obovados, ligeiramente oblíquos, aguçados, algo atenuados para a base, com 20-35 mm de comprimento e 10-15 mm de largura. O labelo apresenta-se carnoso, patente, casidiforme, largamente triangular-ovalado, levemente e inconspicuamente trilobado, com 18-32 mm de comprimento e 18-28 mm de largura, bordos inteiros; lobos laterais eretos, largamente arredondados, pintalgado de marrom; lobo central triangular, amplo, obtuso ou aguçado; disco central apresentando o característico calo transversal, laminar, de bordo dentado. Coluna curta (uns 9-12 mm), ereta, arqueada, trigona, robusta, pubescente em sua face anterior abaixo da superfície estigmática, apresentando na base um pé com 3-5 mm de compr.

A planta tipo é citada para a Guiana, mas também ocorre no Brasil, Venezuela, Trinidad e Peru.

Suas ocorrências são apontadas em regiões relativamente de baixa altitude (de 80 a 500 metros). Segundo L.J. Schlim e H. Wagener, ocorre igualmente na região de Caracas, numa altitude próxima aos 2.000 metros.

Segundo Pabst, esta espécie ocorre também na Colômbia, o que consideramos plenamente possível.



STENIA TIGRINA [GARAY et DUNST.] FOLDATS.

Stenia tigrina (garay et Dunsterv.) Foldats, Acta Bot. Ven. 3: 423. 1968; *Chaumbardia tigrina* Garay et Dunsterv., Ven. Orch. III 2: 72. 1961.

Esta orquídea epífita possui flores de rara beleza. Pseudobulbos ausentes. Folhas dísticas, oblanceoladas, agudas, 19 cm ou mais de comprimento e 2,2-2,5 cm de largura, nervura mediana na face inferior, carinadas. Inflorescências eretopatentes, por vezes patentes, unifloras; pedúnculo com compr. médio de 4,5 cm, apresentando bainhas na parte basal, em número de duas. Flores medianas. Ovário pedicelado, uns 4 mm de comprimento. Bráctea tubular, infundibuliforme, envolvendo todo o ovário pedicelado. Bracteola linear, aguda. Sépalos oval-lanceolados; o dorsal agudo, com 17 mm médio de comprimento e 7 mm de largura; os laterais oblíquos, pouco acuminados, uns 18 mm de compr. e 8 mm de largura. Pétalos amplos, lanceolados ou oblanceolados, ligeiramente acuminados, uns 18 mm de compr. e 7 mm de largura. Labelo apresentando-se em sua

metade basal, casidiforme, a apical aplanada em lâmina ovalada-triangular, aguda e recurva no ápice, com uns 14 mm de compr. e 12 mm de largura; disco com calo laminar baixo e grosso, transversalmente disposto, direcionado para a frente, atravessado por 10 carinas radiadas, as laterais destas, mais conspícuas. Coluna com 5 mm de compr., semiterete, longitudinalmente escavada na face anterior; rostelo em formato de apêndice linear-filiforme.

Esta espécie é citada para a Venezuela, em altitudes próximas aos 800 metros.

Stenia guttata Rchb. f.

Segundo Reichenbach F., espécie proveniente de Trinidad. Não temos a descrição da mesma.

As *Stenia* são afins de *Kefersteinia*, com as quais muito se assemelham, quer na aparência, quer no trato dispensado. Este exige ambiente saturado de umidade, tal qual as *Huntleya* e *Chaubardia*.

Raramente estas plantas são encontradas em nossas coleções.

Perfis

Nota dos Editores

De algum tempo, vínhamos considerando a possibilidade de criar mais uma, entre as seções permanentes da nossa Revista. A idéia era trazer depoimentos sobre a iniciação e desenvolvimento da atividade de criação ou de cultivo de orquídeas, de pessoas importantes para a orquidofilia brasileira. Pensando nisto, nomes vinham, de imediato, à lembrança. Discutimos o assunto com os nossos Presidente e Vice-Presidente, que acolheram a idéia e nos prometeram texto para abrir a série, que é o que se vai ler. Supreenderam-nos Raimundo Mesquita e Waldemar Scheliga, ao trazerem depoimento sobre Alexis Sauer, nome da maior importância para a orquidofilia no Brasil, mas pouco conhecido, fora do Rio e da OrquidaRio, pelas razões que todos vão ler...



Ao contrário do que fazemos os orquidófilos, a polinização natural não é um fim em si mesmo, mas consequência da luta pela sobrevivência: o que o polinizador busca é o néctar da flor, mas ao colhê-lo, fertiliza. Nada melhor, pois, como símbolo, para a Seção que se inicia, Perfis.

Na foto, de Heloisa Mesquita, abelhas polinizando Catasetum Trulla.

Alexis Sauer



Lc. OrquidaRio

Foto e cultivo: Alvaro Pessoa

Caso nos pedissem para delinear, numa palavra, o perfil de Alexis diríamos: *irreverente*, pois este é um dos aspectos marcantes da sua personalidade, ao lado de outros, como uma acentuada modestia, diríamos mesmo, preguiça, de falar sobre seu trabalho (de escrever, nem pensar...); sua obstinada busca de novas formas e padrões de flores, que fazem com que ele se nivele a alguns dos mais importantes criadores internacionais de híbridos.

Apesar disso, Alexis Sauer continua quase desconhecido, por que se recusa, terminantemente, a alardear seus resultados, limitando-se a alguns registros na RHS. Não gosta de comércio e, quando desafiado, diz que, apenas, gosta de "brincar" com cores e formas, o que deixa entrever dois outros traços de sua personalidade, seu apurado senso estético e seu espírito lúdico.

Dissemos tratar-se de um irreverente e, também, de estar ele entre os mais categorizados criadores internacionais. Explicamos: a irreverência fica flagrante quando se vê como registrou duas das suas melhores criações:

Convenhamos que só um rematado irreverente daria às suas criações nomes tão exóticos e ficamos pensando no que teriam pensado, sobre isso, os sisudos responsáveis pelo Registro Internacional, da RHS, se entendessem a nossa língua... A irreverência desses estranhos nomes, no entanto, tem uma história e, pelo menos, um efeito: ninguém os esquecerá.

Quanto ao nível de qualidade de seu trabalho, há uma circunstância a notar: casos há em que as pesquisas de Alexis Sauer antecipam as tendências internacionais de gosto e novidade. Um exemplo disso é a sua *L. José Pinho* (feliz cruz de *L. purpurata* x *L. pumila*), que registrou em 15.7.81, antes que se instalasse no mercado orquidófilo internacional o gosto pelas *mini-cattleyas*, tendo acontecido que, anos depois, pesquisador alemão tivesse feito o mesmo cruzamento, deparando-se com a negativa de registro, porque, anos antes, Alexis Sauer registrara aquele híbrido, homenageando seu colaborador José Pinho, que, aliás, foi o responsável pelo recrutamento do Alexis para a aventura orquidófila, 19 anos atrás, de forma absolutamente casual.

29

ERRATA

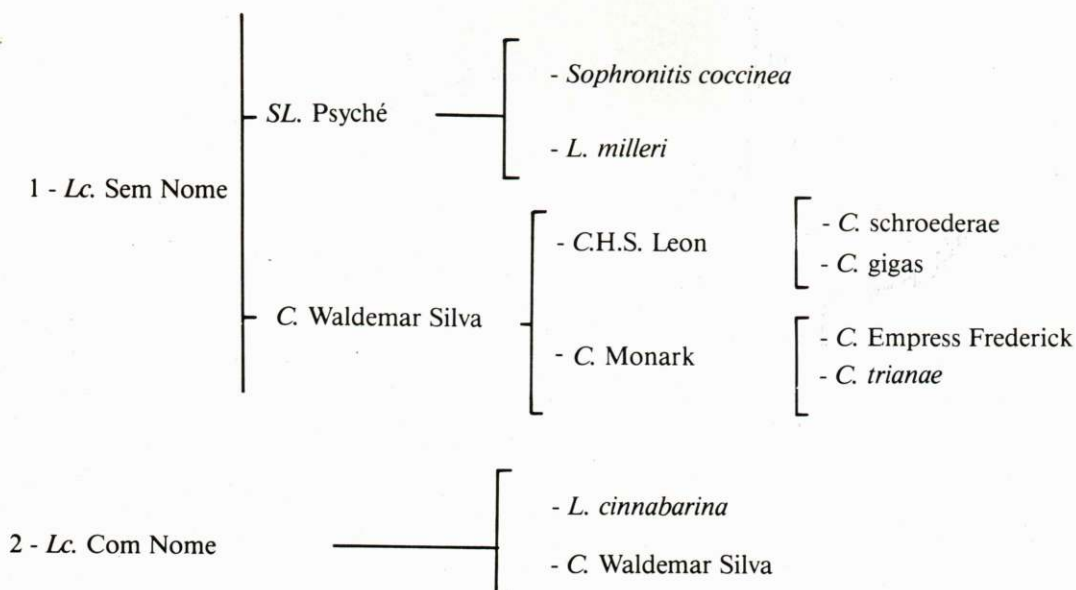
Pág. 29. Na primeira coluna, no final, depois dos dois pontos, incluía-se:

"*Lc. Sem Nome*" e "*Lc. Com Nome*"



Lc. Sem Nome

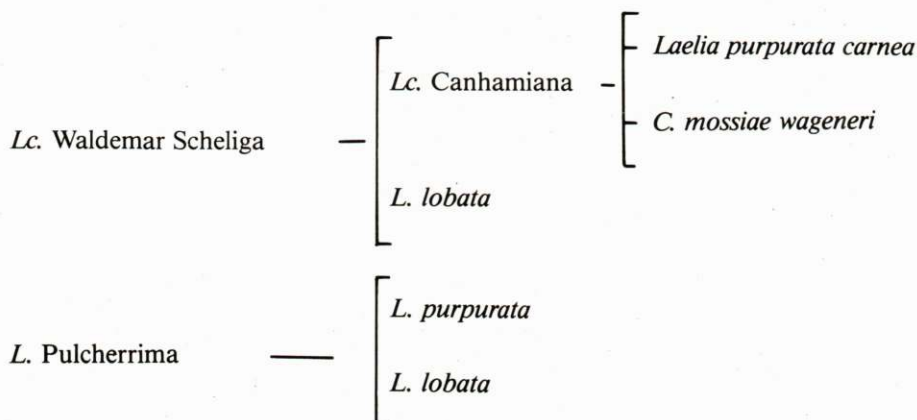
Cultivo: Raimundo Mesquita — Foto: Roberto Agnes



Comprando algumas plantas de José Pinho, à época empregado de sua sogra, descobriu Alexis que aquele jardineiro tinha um fino gosto para flores e que aprendera o cultivo de orquídeas com um colecionador inglês que morara em Petrópolis. Aí iniciou-se o “vício” e se formou uma dupla de cultivadores responsável por magnífica coleção que, hoje alcança cerca de 10.000 plantas da melhor qualidade e, isto, sem contar o que, ain-

da, está nos frascos ou nos vasos coletivos, prometendo-nos novas surpresas.

O trabalho de hibridação de Alexis Sauer pode dividir-se em duas fases bem nítidas, embora não obedeça a uma divisão cronológica rigorosa: uma, em que explorou em profundidade o gênero *Laelia* de que são bons resultados os cruzamentos já citados, como, também, as seguintes:

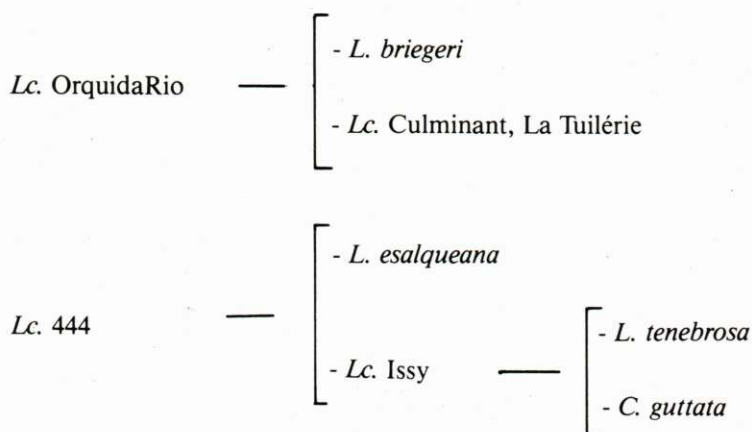


i

Na exploração das possibilidades da *Laelia* acabou o Alexis por descobrir o filão das *Laelias* rupícolas, usando, intensamente, o potencial da *Laelia cinnabarina*, de que são exemplos a já citada *Lc.* Com nome, também a *Sl. Psyché*, a

Lc. Sidneyana (*L. cinnabarina* x *L. jongheana*).

Dessa fase, também, são alguns dos melhores híbridos que produziu (alguns dos quais já mostrados nesta Revista ou em PULCHRA):



Outra fase, com nova linha de pesquisa, mais uma vez antecipando-se às tendências internacionais, ou mostrando-se contemporâneo dessas, desenvolve-se pela exploração do potencial de *Brassavolas* brasileiras. Enquanto hibridadores es-

trangeiros vêm trabalhando com *Brassavola nodosa*, do México e América Central, Alexis Sauer tem usado a nossa *Brassavola perrinii*, tão florífera, mas sem abandonar o seu amor pelas *L. rupícolas*. Assim,

Bl. 007 — [- *L. esalqueana*
- *B. perrinii*

Bl. 626 — [- *B. perrinii*
- *L. cinnabarina*

Bl. 047 — [- *B. perrinii*
- *L. José Pinho*

Que os leitores não pensem que o criador Alexis Sauer seja um hibridador bissexto. Seria enfadonho listar todas as suas criações, com alto percentual de êxitos. Ao lado disso é um grande “causeur” e está sempre pronto a orientar os iniciantes, desde que isso seja numa conversa informal, sugerindo e indicando cami-

nhos que ele gostaria de explorar, mas que já se considera sem tempo para desenvolver.

Vem de coroar o seu trabalho com *Laelia* criando a *Lc. Julinha* (sua neta), que é magnífico resultado do cruzamento de *L. sincorana* x *Lc. Culminant*, “La Tuilérie”.



Lc. Julinha

Cultivo: Alexis Sauer

Foto: Carlos Ivan da S. Siqueira

Perguntas e Respostas

Li na Carta Mensal, de junho, recomendações e dicas para o preparo de plantas para exposição, referências a fertilizantes com certos potenciais. Onde encontrá-los? Pergunto, ainda, porque não usar fertilizante foliar em plantas já com botão?

Nilo Bueno Patrício
Taubaté, SP.

Você já nos disse, em carta, que arquivava a correspondência recebida da Orquidário. Em Mala Direta, do ano passado, vai encontrar os endereços dos fabricantes dos melhores fertilizantes foliares brasileiros. Além disso as boas casas de produtos agrícolas dispõem desses fertilizantes em pequenas embalagens de 1 kg e 1/2 kg.

Sobre a recomendação de não fertilização foliar de plantas já com botão floral, três são os motivos da contra-indicação: 1º, a planta já armazenou energia suficiente para lhe permitir soltar as flores, o pseudobulbo, nas simpodiais, ou já se formou, completamente, amadurecendo, ou está em vias disso e, no caso das monopodiais, já formou as folhas novas do período. Portanto fertilização já se faz desnecessária e você estará desperdiçando; 2º, pode haver queima, ou abortamento de botões; 3º, a umidade sobre os botões pode criar condições para a infestação de botrytis.

Raimundo Mesquita

Gostaria de obter qualquer informação que fosse sobre, *Cattleya rex*. O único conhecimento de que disponho é de que, a referida espécie é, procedente dos Andes Peruanos e, também a mais rara do grupo labiata.

Indago o seguinte: qual a região do Brasil mais propícia ao seu desenvolvimento, quantidade de flores produzidas e, se a disposição dessas flores, teriam semelhança com as da *C. lawrenceana* ou

C. bowringiana. Ela é também *Cattleya* unifoliada? Os cultivadores mais abalizados têm acesso fácil a esta espécie, e, finalmente aonde posso obter uma foto integral desta planta, com pseudobulbos, folhas e flor.

Gislaine G. G. Werneck
Juiz de Fora, MG.

A *Cattleya rex* foi descoberta, no Peru, pelo coletor de orquídeas BUNGEROTH para a Firma Linden da Bélgica. A primeira floração dessa planta foi em 1890, nas estufas da mesma.

A espécie foi publicada no *Gardener's Chronicle*, por O'Brien, no mesmo ano, mediante algumas flores de um desenho da planta fornecido por Linden.

Cattleya rex é unifoliar; seus bulbos atingem 35 cm de comprimento e as folhas medem 35 cm x 6 cm. A haste floral chega a 20 cm de comprimento, sendo, portanto, mais curta do que as folhas. A inflorescência apresenta 3 ou mais flores.

Cattleya rex ocorre nas encostas dos Andes peruanos estendendo-se até a Colômbia, em altitudes de, até, 1.400 metros.

Cattleya rex é muito próxima da *Cattleya máxima*, diferenciando-se, apenas, pelo colorido das flores.

Ambas só se desenvolvem bem se cultivadas em altitude e clima temperado, como em Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo, por exemplo.

Dispomos de fotografias da flor, que publicaremos em outra oportunidade. Publicações especializadas, como o *Curtis's Magazine* e a "Encyclopaedia" e o "Manual das Orquídeas Cultivadas", de Phillip Cribb e outros, que podem ser encontrados nas boas livrarias do Rio de Janeiro e São Paulo, contêm fotos e desenhos dessa espécie.

Waldemar Scheliga

EXPOSIÇÃO DE ORQUÍDEAS

duração: 3 a 6 de outubro de 1991

local: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Av. Infante Dom Henrique, 85 - Aterro



museu de arte moderna
do rio de janeiro

OrquidaRio

Foto: Álvaro Pessoa

